

Moral e Consciência e Personificação – *O Mandarim*, de Eça de Queirós em Debate

Doutorando Marcio Jean Fialho de Sousaⁱ (USP)

Resumo:

O objetivo dessa comunicação é propor uma atualização da leitura do conto O Mandarim (1880), de Eça de Queirós, buscando focar a constituição da personagem autodiegética a partir das perspectivas apresentadas por Michel Foucault, no livro O que é o autor?, além de fazer um paralelo da formação da personagem em seu meio, outrora discutido por Carlos Reis no Estatuto e Perspectiva do Narrador na Ficção de Eça de Queiros, publicado em 1980.

Palavras-chave: moral; consciência; narrador-autodiegético; personagem; desengano.

1 Introdução

As narrativas de primeira pessoa, na obra de Eça de Queirós, há tempos têm apresentado embates e debates ao longo da história e dos estudos de Literatura Portuguesa. As razões para tantas discussões são diversas, passando desde o questionamento acerca da validade dessas obras no rol dos escritos realistas do final do século XIX, até a possibilidade de retorno do autor às origens religiosas, conforme apresenta Maria Filomena Mônica em **Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queiroz** (2001).

Para, de certa forma, contribuir com esses debates, o objetivo desse artigo é propor uma atualização da leitura do conto **O Mandarim** (1880), de Eça de Queirós, buscando focar a constituição da personagem autodiegética a partir da perspectiva da escrita de si, de Michel Foucault, apresentada no livro **O que é o autor?** (2006), além de fazer um paralelo da formação da personagem em seu meio, outrora discutido por Carlos Reis no **Estatuto e Perspectiva do Narrador na Ficção de Eça de Queiros**, publicado em 1980.

A escrita intimista se dá pelo conflito interior que leva o sujeito a buscar-se, a conhecer-se. Segundo Michel Foucault (1992), a “escrita de si” ou autodiegética, tal como prefere chamar Carlos Reis (1980), é uma complementariedade ao processo de autoconhecimento, pois ao mesmo tempo em que o narrador atenua as angústias de sua solidão, dá ao que se viu ou pensou um olhar possível e, por isso, subjetivo, portanto não totalmente confiável (Cf.: FOUCAULT, 1992, p. 130-131).

2 Processo de Escrita: formação e função da consciência na narrativa

Diferente do que posteriormente Eça de Queirós viria a desenvolver n’**A Relíquia** (1887), o narrador d’**O Mandarim** (1880) não inicia suas memórias justificando as motivações que o levaram a escrevê-las; Teodoro, pelo contrário, no primeiro capítulo, apresenta-se e, em seguida, dá início à narrativa de suas memórias de forma aparentemente descompromissada, dizendo:

Eu chamo-me Teodoro – e fui amanuense do Ministério do Reino. Nesse tempo vivia eu à Travessa da Conceição nº 106, na casa de hóspedes da D. Augusta, a esplêndida D. Augusta viúva do Major Marques. Tinha dois companheiros: Cabrita, empregado na Administração do bairro central, esguio e amarelo como uma tocha de enterro; e o possante, o exuberante tenente Couceiro, grande tocador de viola francesa. (QUEIRÓS, 1992, p. 80-81)

Por outro lado, esse aparente descomprometimento do narrador denota a dupla condição temporal que separa o Teodoro-narrador do Teodoro-personagem objeto da narração. Esse recurso é muito útil já que é capaz de determinar o tempo narrado do tempo dos fatos ocorridos, sendo que aquele se torna superior a este, pois pressupõe uma experiência outrora vivida e, por isso, Teodoro-narrador torna-se autoridade diante desses fatos narrador.

Segundo Carlos Reis (1980), o *eu* que se manifesta nesse tipo de enunciado determina, entre os dois *eus*, distâncias ideológicas, psicológicas e éticas, partindo, pois, dessa perspectiva, Teodoro, no ato da narração, tem a missão específica de encarar o mundo em que vive por uma ótica modificada pelo tempo, por suas experiências e por suas escolhas que viriam a determinar o seu destino (Cf.: REIS, 1980, p. 180).

Porém, antes de passar por essas experiências, Teodoro vivia numa vida comum, estereotipadamente medíocre, era um funcionário público acostumado a seguir a mesma rotina diária; dizia ser equilibrado e não deixava de afirmar que era um homem ambicioso (Cf.: QUEIRÓS, 1992, p. 83). Contudo, toda essa calma chega ao seu fim quando num certo dia, numa feira de objetos usados, Teodoro compra um livro contendo a fábula do mandarim que dizia:

No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a Fábula ou a História contam. Dela nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdês os seus cabedais infindáveis, basta que toques a campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha? (QUEIRÓS, 1992, p. 85)

Assombrado diante da página aberta e à interrogação que fecha o trecho citado, pensa, num primeiro momento, ser uma brincadeira, por outro lado era levado a ler mais, de modo que diz ver surgir, em sua mente, duas visões: “de um lado um mandarim decrépito, morrendo sem dor, longe, num quiosque chinês, a um *ti-li-tim* de campainha; do outro toda uma montanha de ouro cintilado...” (QUEIRÓS, 1992, p. 87), visão essa que aguça seu interesse em tocar a campainha, mas que, ao mesmo tempo, o deixa relutante até que lhe aparece, travestido na figura de um senhor de classe média, o diabo, que o tenta, utilizando a mesma estratégia que utilizara com Cristo conforme pode ser conferido na Bíblia Sagrada, quando este jejuou durante os quarenta dias que esteve retirado no deserto, após ser batizado por João Batista (Cf.: Mt 4, 1-11. In: **Bíblia de Jerusalém**, 1985).

Nesse momento na narrativa, o diabo, agora personificado, mostra a Teodoro todas as delícias e prazeres do mundo que os poucos vinte mil réis mensais que o simples amanuense recebia na repartição, não poderia comprar, e depois de discriminar várias das maravilhas que Teodoro poderia desfrutar se tocasse a campainha, acrescenta o tentador, de modo bastante persuasivo, no final de seu discurso:

E agora note: é só agarrar a campainha, e fazer *ti-li-tim*. Eu não sou um bárbaro: compreendo a repugnância de um *gentleman* em assassinar um contemporâneo: o espirrar do sangue suja vergonhosamente os punhas, e é repulsivo o agonizar de um corpo humano. Mas aqui, nenhum desses espetáculos torpes... é como quem chama um criado... e são cento e cinco ou cento e seis mil contos; não me lembro, mas tenho-o nos meus apontamentos... O Teodoro não duvida de mim. Sou um cavalheiro (...) (QUEIRÓS, 1992, p. 95-97)

Discurso bastante convincente já que o tentador mostra-se compreensivo dizendo, inclusive, entender a repugnância do ato de assassinar outro ser. Diz ser um cavalheiro, além de acrescentar muitas adversidades, de modo a contrapor seus argumentos para, assim, demonstrar o quanto seria

vantajoso o ato de tocar a campainha.

Deixando-se levar pela sedução dessa figura, e sendo ambicioso, Teodoro não hesita, toca a campainha e passa a ter a impressão de que tudo não passou de um sonho, até que depois de um tempo, numa manhã de domingo, do mês de agosto, recebe a visita de um representante comercial que lhe comunica que a sua disposição estava a imensa fortuna, herdada de certo mandarim, Ti Chin-Fu, que falecera recentemente nos confins da China.

É nesse ponto que está o cerne da narrativa. Teodoro, a partir desse momento passa a viver o conflito gerado pelo remorso de ter provocado a morte do mandarim e a busca da expiação de seu ato; passa a conviver com o castigo imposto por si mesmo, sendo ele, ao mesmo tempo, criminoso e acusador. Sua consciência o acusava a todo o momento:

Todas as vezes que entrava em casa estacava, arrepiado, diante da mesma visão: ou estirada no limiar da porta, ou atravessada sobre o leito de ouro – lá jazia a figura bojuda, de rabicho negro e túnica amarela, com o seu papagaio nos braços... Era o mandarim Ti Chin-Fu! Eu precipitava-me, de punho erguido: e tudo se dissipava. (QUEIRÓS, 1992, p. 80-81)

Claro que num primeiro momento o que faz Teodoro é se colocar numa posição de superioridade, de orgulhoso e de desprezo ao outro:

Apoiei-me à varanda: e ri, com tédio, vendo a agitação efêmera daquela humanidade subalterna – que se considerava livre e forte, enquanto por cima, numa sacada de quarto andar, eu tinha na mão, num envelope lacrado de negro, o princípio mesmo da sua fraqueza e da sua escravidão! Então satisfações e Luxo, regalos do Amor, orgulhos do Poder, tudo gozei, pela imaginação, num instante, e de um só sorvo. Mas logo uma grande saciedade me foi invadindo a alma; e, sentindo o mundo aos meus pés; bocejei como um leão farto. (QUEIRÓS, 1992, p. 80-81)

Teodoro começa a imaginar o que poderia fazer a partir de então e, no dia seguinte, começou, de fato, a esbanjar sua riqueza, deixa a casa de D. Augusta, compra um palacete ao Loreto e, enfim, aproveita ao máximo tudo o que quisera durante alguns meses, porém volta e meia repetia: “E eu, no entanto, vivia triste...” (QUEIRÓS, 1992, p. 119)

Essa contradição vivida e relatada pelo narrador torna-se muito significativa na medida em que nos são evidenciadas as relações sociais estabelecidas no espaço português. Afirma o narrador não acreditar em Céu e em Inferno tampouco em Deus, mas reza à Nossa Senhora das Dores; ou seja, ainda que Teodoro busque se desvincular de costumes inerentes à plebe, conforme afirma, ele se trai ao perpetuar o costume de render orações à Nossa Senhora.

É interessante notar que o Teodoro-narrador coloca-se numa posição de distanciamento do fato narrado, conforme explanado anteriormente. É distante temporalmente que o narrador autodiegético descreve os momentos de conflito pelo qual está passando Teodoro, demonstrando também que esses conflitos foram gerados pelo equívoco moral de apertar a campainha mesmo sabendo da possibilidade de que essa ação levaria o distinto chinês à morte. É depois desse ato criminoso que o protagonista começa a ver a figura de Ti Chin-Fu estirado, morto, junto a seu papagaio nos braços sempre que adentra seu quarto.

Segundo Gilda Santos (2001), esse de Teodoro surge pela existência e coexistência de dois tempos heteróclitos: o tempo humano (Teodoro-pobre) e o tempo que ultrapassa o tempo humano (Teodoro-rico), um tempo mágico que passa a conviver com o mandarim, ora vivo, ora morto (SANTOS, 2001, p. 144).

Não por acaso, essa condição de conflito vem à tona repetidamente quando Teodoro volta ao **quarto**, pois como dissera Orest Ranum, ao discutir sobre **Os Refúgios da Intimidade** (1993),

“determinados lugares ou certos espaços são considerados particularmente propícios à busca de si mesmo e ao encontro de dois seres” (RANUM, 1993, p. 214), dentre os lugares íntimos, o teórico cita o quarto que, por meio de emoções, preces e sonhos, os indivíduos associam ao íntimo de seu ser, o porto seguro, o local em que se tranca, local em que não será aborrecido. Assim, o quarto, acrescenta Perec (1974) pode ser entendido como um espaço físico, fechado, mas também como um local de retiro de solidão, de deserto, é também o espaço em que o sujeito está aberto às memórias, ao devaneio (PEREC, 1974, P. 34).

Teodoro, ao retirar-se no aconchego do sofá sozinho, é tomado pela acusação de sua consciência a qual tenta se livrar buscando justificativas louváveis para si mesmo, de modo a tentar se autoconvencer de que fez a coisa certa, afinal o mandarim era um decrépito, sofria de gota; mas que doença justificaria a antecipação da morte, a prática eutanásica? Esse seria um assunto para outra discussão.

Voltando a Teodoro, vemos que sua Consciência o dizia “a vida é um bem supremo”, e Teodoro grita, apaga suas acusações e volta a sentir-se bem, a usufruir de suas riquezas materiais, mas dizia ele estar certo de que a Consciência era dentro dele como uma serpente irritada (Cf.: QUEIRÓS, 1992, p. 125).

Outro ponto que vale salientar é que ao se dispor a procurar a família do mandarim, imaginando que esta pudesse estar passando dificuldades, a imagem que aparecia em seu quarto desaparece, porém, ao pensar em desistir da busca volta a vê-la, ou seja, quando a consciência de Teodoro cria estar fazendo o que moralmente considerava correto, esta o deixa livre, caso contrário essa o “irritava” com a imagem daquele que, de fato, Teodoro nunca havia visto.

Nesse ponto é possível encontrar alguns possíveis objetivos da narrativa memorialística de Teodoro. Ao relatar suas memórias, atenua os efeitos da solidão, Teodoro relata a angústia que carrega desde o dia em que tocou a campainha tendo como consequência a imagem do chinês estirada em seu quarto, já que não podia mais se livrar desse fardo.

Diz Teodoro ao avistar o distinto homem-demônio, tal como se apresentou em seus aposentos: “ – Livra-me das minhas riquezas! Ressuscite o mandarim! Restitui-me a paz da miséria!” (QUEIRÓS, 1992, p. 191)

Dessa forma, ao mesmo tempo em que com sua narrativa, Teodoro apresenta ao leitor um ensinamento moral dizendo: “E vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: ‘Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim!’” não deixa de afirmar que: “(...) nenhum mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má argila, meu semelhante e meu irmão!” (QUEIRÓS, 1992, P. 191). Nesse ponto, Teodoro se apresenta como um verdadeiro representante da sociedade burguesa na medida em que se dispõe de recursos diversos para a manutenção do crescimento financeiro e de *status* social, em contrapartida, apresenta as marcas de uma sociedade hipócrita apoiada em valores “morais”, fato esse responsável pela personificação e acusação de sua consciência na figura do mandarim.

Ou seja, Teodoro-narrador se distancia do Teodoro-personagem, pois conhece o sofrimento que suas escolhas o trouxera, com as palavras de Carlos Reis (1980) ao referir-se ao passado, o narrador autodiegético coloca-se numa posição de distanciamento, no lugar daquele que já passou por um processo de engano para o desengano, não ignorando, porém, o fato de que outros fariam o mesmo que ele, caso tivessem as mesmas oportunidades.

Conclusão

Enfim, ensaindo uma breve conclusão, porém sem fechá-la a outras possibilidades de estudo, o que se lê no conto **O Mandarim** (1880) é o conflito de consciência gerado pelo ato egoísta de apertar uma campainha, provocando a morte de um ser para que assim pudesse, sem nenhum esforço, receber suas riquezas. Esse conflito só existe, porém, porque o narrador-personagem está inserido num espaço geográfico, histórico e social regido por relações pensadas

dentro de uma cultura específica, a portuguesa, com todas as suas especificidades.

Dentro desse contexto, Jacques Le Goff (2008) afirma que o exercício de resgate da memória é um instrumento de construção social, o que, por sua vez, exerce a função de ativar interesses, a afetividade, o desejo, a inibição e a censura, aspectos que podem funcionar de modo consciente ou não.

Logo, impulsionado pelos aspectos culturais, a consciência de Teodoro, personificada na pessoa do mandarim, exerce a função de autocensura, pois, ainda que Teodoro assuma que repetiria seu ato assassino se tivesse oportunidade, ele só consegue encontrar a paz quando decide procurar os familiares de Ti-Chin-Fu.

Dessa forma, pode-se notar como a consciência é capaz de manter determinada ordem social, sendo friamente cruel caso seja desobedecida, torna-se um poderoso instrumento “das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”, conforme afirma Le Goff (2003)

Ainda segundo o historiador,

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (...) a memória (...) é um instrumento e um objeto de poder. (LE GOFF, 2003, p. 366)

Outro ponto importante para chegarmos a essa conclusão sobre as memórias de Teodoro vem da própria afirmação de Eça de Queirós acerca de **O Mandarim** (1880) ao dizer que esse texto se trata de um conto fantástico e fantasista, como explicitado no início desse capítulo. Rui da Costa Lopes (1994) interpreta essa afirmação a partir do estudo etimológico do termo fantasia que tem origem na língua grega e que foi, posteriormente, assimilado ao vocabulário romano. Em sua origem, o termo fantasia tem “sentido de imagem-reprodução e imagem-criação” (LOPES, 1994, p. 18) o que permite a Lopes afirma que o autor desse tipo de narrativa “Diz o que ‘vê’ de uma outra realidade a que nem todos temos acesso” (LOPES, 1994, p. 18), logo a realidade é abstraída pelo autor e transcrita por meio dos recursos da fantasia, por ser essa uma representação individual e subjetiva do ser humano que nessa análise se expressa pela função da consciência como condição para sua narrativa.

Referências Bibliográficas

- 1] BERRINI, Beatriz. (Org.) **Eça de Queirós: Literatura e Arte – uma antologia**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- 2] **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.
- 3] FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.
- 4] GAMBA, Ana Paula Foloni. **O Mandarim (Eça de Queirós): a sociedade portuguesa do século XIX à luz da sátira menipéia**. Dissertação de Mestrado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp, 2005.
- 5] LOPES, Rui da Costa . **O Segredo do Cofre Espanhol**. Portugal: Imprensa-nacional Casa da Moeda, 1994.
- 6] PEREC, G. **Espèces d'espaces**. Paris: Galilée, 1974.
- 7] QUEIRÓS, Eça de. **O Mandarim**. Edição crítica de Beatriz Berrini. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.

- 8] RANUM, Orest. “Os Refúgios da Intimidade”. In. ARIÈS, Philippe. DUBY, Georges. **História da Vida Privada**. Vols. III. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- 9] REIS, Carlos. **Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção e Eça de Queirós**. 2ª Ed. Coimbra: Livraria Alamedina, 1980.
- 10] SANTOS, Gilda. “O mandarim: uma fábula prefigurada da globalização?” In: **Voz Luziada – Eça de Queiroz**. Nº 16. São Paulo: Casa de Portugal, 2001., p. 140-155.

i Autor

Marcio Jean Fialho de SOUSA, Doutorando.

Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
DLCV – Programa de Literatura Portuguesa
E-mail: pavlovfialho@usp.br